

“GAY MAS NÃO BICHA”

De uma heteromasculinidade hegemónica a uma proliferação de masculinidades gays

Hugo Santos

Doutorando de Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Email: hmiguel_s@hotmail.com

Manuela Ferreira

Professora Auxiliar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. E-mail: manuela@fpce.up.pt

Sofia Marques da Silva

Professora Assistente na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. E-mail: sofiamsilva@fpce.up.pt.

Resumo

A questão da homofobia na escola tem surgido como uma problemática educativa recente. Este artigo, inspirado numa tese de Mestrado realizada anteriormente, pretende dar conta da complexidade das suas manifestações e expressões, o que implica discutir quer as rupturas, quer as ligações entre género e orientação sexual. Argumenta-se, num primeiro olhar, que a homofobia é, sobretudo, uma violência de género mas verifica-se que, lançando um segundo olhar, as representações dominantes da escola usam estrategicamente o atributo homofóbico que efeminiza a homossexualidade para salvaguardar a heterossexualidade masculina independentemente de concepções genderizadas. Quando se contacta com as culturas juvenis gays emergem, contudo, quer masculinidades hegemónicas que reproduzem ativamente estereótipos de género (gays normais versus bichas), quer masculinidades *queer* que desafiam noções vitimistas sobre a homofobia escolar. Espera-se, com estas reflexões, contribuir para os estudos em educação sobre género(s), masculinidade(s), sexualidade(s), LGBT e *queer* numa perspetiva pós-estruturalista, complexificadora e, sobretudo, comprometida politicamente.

Palavras-chave: Escola; Género; Masculinidade; Diversidade sexual.

“Gay but not queer”: from a hegemonic heteromascularity to a proliferation of gay masculinities

Abstract

Homophobia in schools has been emerged as an educational problematic. This article, inspired by a earlier Master research, gives account to the complexity of its expression, which implies to discuss the ruptures and the connections between gender and sexual orientation. I argue that, at first glance, homophobia is related to gender violence but, at second sight, school dominant representations use strategically the homophobic epithets to feminize male homosexuality and to keep masculine heterosexuality safe, no matter what gender people assume. When we interact with gay youth cultures it is visible either hegemonic masculinities that reproduce the traditional gender norms (normal gays *versus* queens), or *queer* masculinities that defays suffering notions about school homophobia. We hope to contribute to the educational studies about genders, masculinities, sexualities and LGBT/*queer* in a pos-structuralist, complex and, particularly, politically engaged perspective.

Keywords: School; Gender; Masculinity; Sexual Diversity.

“Gay, pero no mariquita”: desde el heteromasculinidad hegemónica a la proliferación de las masculinidades homosexuales

Resumen

El tema de la homofobia en las escuelas se ha convertido en un tema educativo reciente. En este artículo, inspirado en una tesis de Maestría realizada anteriormente, da cuenta de la complejidad de sus manifestaciones y expresiones, lo que implica discutir cualquiera de las pausas o los vínculos entre el género y la orientación sexual. Se argumenta, a primera vista, que la homofobia es principalmente una violencia de género, pero resulta que el lanzamiento de una segunda mirada, las representaciones dominantes de la escuela utilizan estratégicamente un homofóbico atributo a la homosexualidad salvaguarda la heterosexualidad masculina independientemente genderizadas de concepciones. Cuando entra en contacto con las culturas juveniles gay surgen, sin embargo, si las masculinidades hegemónicas que reproducen activamente los estereótipos de género (gays normales *versus* maricones) o masculinidades homosexuales que cuestionan nociones victimistas sobre la homofobia

en la escuela. Esperemos que, con estas reflexiones, lo que contribuye a los estudios en la educación sobre el género, la masculinidad, la sexualidad, LGBT y *queer* en una perspectiva complexificadora postestructuralista y sobre todo políticamente comprometidos.

Palabras-clave: Escuela, Género, Masculinidad, Diversidad Sexual.

Introdução: teorizando género e masculinidade(s)

“When I was in the third grade I thought that I was gay,
‘Cause I could draw my uncle was, and I kept my room straight.
I told my mom tears rushing down my face
She’s like “Ben you’ve loved girls since before pre-k, trippin”
Yeah, I guess she had a point, didn’t she?
Bunch of stereotypes all in my head.
I remember doing the math like, “Yeah, I’m good a little league”
A preconceived idea of what it all meant
For those that liked the same sex
Had the characteristics.”

Macklemore & Ryan Lewis – Same Love¹

Os estudos sobre a(s) masculinidade(s) só recentemente se constituíram como uma problemática recente (Silva & Araújo, 2007) talvez porque, durante muito tempo, os “estudos de género” (*gender studies*) foram erroneamente confundidos como “estudos das mulheres” (*women’s studies*) (Rabelo, 2010). A investida do feminismo nas sociedades contemporâneas, ao questionar os ordenamentos ortodoxos da dominação patriarcal e ao ter conseguido alcançar mais igualdade legal e social e empoderamento para as mulheres, trouxe a masculinidade à tona científica sobre a forma de uma *crise*, com vários formatos, assim como abriu caminho, conjuntamente com a teoria *queer*², para o questionamento da heterossexualidade – elemento central

¹ “Same Love” é uma canção do rapper norte-americano heterossexual, Macklemore, que conta a história do seu tio homossexual e o casamento dele com outro homem. A canção teve um grande sucesso nas tabelas musicais, um pouco por todo o mundo, em 2013 e o rapper foi bastante elogiado por ter afrontado o mundo do hip-hop, tradicionalmente machista, misógino e homofóbico. Ver a letra em: <http://www.azlyrics.com/lyrics/macklemore/samelove.html>.

² Correndo o risco de cometer uma incoerência ao tentar definir uma teoria cujo núcleo central é a fuga às tentativas de definição, a teoria *queer* parece ser um posicionamento intelectual, com visibilidade mediática a partir dos inícios da década de 90, que propõe uma visão pós-estruturalista ao campo dos estudos lésbicos e gays tradicionais, com as influências das teorizações de Jacques Derrida, Michel Foucault ou Judith Butler, sendo um “reworking of the post-structuralist figuring of identity as a constellation of multiple and unstable positions.” (Jagose, 1996: 3). Além disso, a teoria *queer* representa um distanciamento estratégico e

na ordem de género – como modelo único, legítimo e irrevogável de viver e de experienciar a sexualidade (Richardson et al, 2006).

As intelectualizações reflexivas sobre o próprio conceito de “género” têm sofrido alterações ao longo do tempo. Se é verdade que, para a teoria feminista, a utilidade política do conceito assentou no desvirtuar consecutivo do determinismo fatídico do sexo biológico – género seria pois a construção social do sexo –, algumas perspectivas foram, contudo, incapazes de conceber que, sendo uma construção social, *o género transportara em si a potencialidade da sua desconstrução*, assumindo desde logo, ao considera-lo semanticamente como um mero substituto gramatical para sexo biológico, uma discutível correspondência unilateral entre os dois (Butler, 2004). Foi precisar esperar até ao encontro do feminismo com as perspectivas *queer*, para que a *teoria da performatividade* de Judith Butler (1999), tão polémica e contestada como invocada e ultra-citada, radicalizasse os pressupostos definitórios de género ao entender este como *o efeito reiteirado de atos performativos que naturalizam a essência genderizada do corpo*, nunca totalmente restrito ao corpo e ao sexo (“freefloating”) mas sempre fictício, estruturalmente regulado e passível de infinita negociação.

“(...) *gender* is not a noun, but neither is it a set of freefloating attributes, for we have seen that the substantive effect of gender is performatively produced and compelled by the regulatory practices of gender coherence. Hence, within the inherited discourse of the metaphysics of substance, gender proves to be performative — that is, constituting the identity it is purported to be. In this sense, gender is always a doing, though not a doing by a subject who might be said to preexist the deed.” (Butler, 1999: 33).

Em “Undoing Gender” (2004), Butler, que passara os anos 90 a redefinir a sua teoria, descreve, numa expressão curiosa, género como “a practice of improvisation within a scene of constraint.” (Butler, 2004: 1). Em todo o caso, o importante a reter é que ao quebrar-se a lógica unilateral “corpo/sexo/género”, o género estaria insidiosamente presente na expressividade corporal podendo coexistir masculinidades e feminilidades em corpos sexuados de homens e de mulheres indistintamente³.

crítico quer ao essencialismo científico dos estudos lésbicos e gays, aprisionados numa conceção bio-ontológica de homossexualidade, quer ao assimilacionismo político do movimento gay, não se reduzindo, contudo, ao espectro da orientação sexual e/ou identidade de género, mas abarcando toda a sexualidade como campo de saber nas suas diferentes práticas, dinâmicas, vivências e experiências.

³ Em Portugal, alguns estudos, com uma forte componente empírica e com recurso metodológico à etnografia, são pioneiros por abordarem o género como uma construção performativa, situacional e negociada em contexto. De salientar as pesquisas de Manuela Ferreira, “A gente gosta de brincar com os meninos” (2004), e de Maria do Mar Pereira,

“The presumption of a binary gender system implicitly retains the belief in a mimetic relation of gender to sex whereby gender mirrors sex or is otherwise restricted by it. When the constructed status of gender is theorized as radically independent of sex, gender itself becomes a free-floating artifice, with the consequence that *man* and *masculine* might just as easily signify a female body as a male one, and *woman* and *feminine* a male body as easily as a female one.” (Butler, 1999: 10).

Nesse sentido, gênero é – como sempre foi – um comportamento que não só se pode desarticular da ontologia do corpo e do sexo tendo estes, inclusive, um papel primordial na sua própria produção⁴; um produção reiterada dentro daquilo que Butler denominou de *matrix heterossexual*⁵ que organiza, a partir do eixo gravitacional do *patriarcado* – e não se pode esquecer que, se o patriarcado é a dominação das mulheres pelos homens, a reprodução biológica tem aqui uma importância acrescida ao impôr a heterossexualidade como centro de legitimação do sexo (Warner, 2004) –, a própria sexualidade e as relações de poder que se perpetuam a partir do (e, simultaneamente, contra o) corpo, órgãos sexuais, etc, numa “cosmologia sexualizada” (Bourdieu, 1999: 7), levando a dominação patriarcal a outras regiões, domínios e identidades.

Se parte da homofobia diz respeito ao machismo, o feminismo não pode dissociar-se da luta ativista LGBT (lésbica, gay, bissexual e transgênero) pois a desigualdade sexista entre masculinidade e feminilidade pode ser visível noutros campos, corpos, grupos e identidades para além daqueles que o feminismo tradicionalmente se debruçou, nomeadamente o modelo heterossexual⁶. Isto não significa, contudo, que o feminismo deixou de ter a ver com *as mulheres como*

“Fazendo gênero na escola” (2009). Ainda assim, Maria do Mar Pereira afirma que “não existe um corpo alargado e consolidado de reflexão teórica e produção empírica sobre gênero numa perspectiva performativa (...)” (Pereira, 2009: 114), sendo “urgente, portanto, explorar o gênero a partir de uma perspectiva performativa – não porque o estudo da performatividade nos permitirá ficar a compreender tudo sobre gênero, mas porque há muito sobre gênero que não podemos compreender sem ela.” (idem: 125).

⁴ Contudo, considerando-se que a masculinidade não está “reduced or solely equivalent to, the male body” (Pascoe, 2007: 5), para um certo afinamento de conceitos, há que perceber discursivamente a sua associação contínua ao sexo biológico de um homem.

⁵ Judith Butler define, inspirada em Monique Wittig e Adrienne Rich, a *matrix heterossexual* como “ (...) that grid of cultural intelligibility through which bodies, genders, and desires are naturalized (...) a hegemonic discursive/ epistemic model of gender intelligibility that assumes that for bodies to cohere and make sense there must be a stable sex expressed through a stable gender (masculine expresses male, feminine expresses female) that is oppositionally and hierarchically defined through the compulsory practice of heterosexuality.” (Butler, 1999: 194). Esta *matrix heterossexual* produz, no dizer de Butler, *gêneros inteligíveis*, “ (...) those which in some sense institute and maintain relations of coherence and continuity among sex, gender, sexual practice, and desire.” (Butler, 1999: 23).

⁶ A título de exemplo: na invisibilidade das raparigas e mulheres lésbicas e da experiência genérica da homossexualidade feminina, da misoginia de certos grupos de gays ou, pelo contrário, na rejeição da efeminação de alguns rapazes e homens gays por parte de outros rapazes e homens gays mais “machistas”.

sujeitos; apenas que há mais hierarquia de género para lá da heterossexualidade, embora ela seja sempre o centro da hierarquia (Richardson, et al, 2006).

Feita esta adenda, importa referir que o interesse sobre as masculinidades não se trata de um *blackclash* contra o feminismo mas, muito pelo contrário: a sua desconstrução pode ser um excelente ponto de partida para se questionar o patriarcado estando ao serviço da lógica feminista. Aliás, o próprio entendimento da masculinidade, não mais como um “papel” (como no funcionalismo) mas como um campo diverso e plural (“masculinidades”), integra uma compreensão destas não só como sendo internamente fracturadas e estando em perpétua dissonância e negociação (Connell, 2005), mas também como sendo racializadas, classisizadas, etc, de tal forma que outras dimensões podem se opôr as masculinidades hegemónicas entre si. “Ou seja, a resistência não está presente somente na feminilidade. Dentro da dominação da masculinidade há relações de dominação e subordinação, até mesmo entre grupos de homens, como o dos homens heterossexuais sobre o dos homossexuais (pela estigmatização, exclusão política e cultural, abuso cultural, violência, discriminação económica e boicotes pessoais) (...)” (Rabelo, 2010: 173).

No campo educativo formal (a escola), a questão das masculinidades, ainda que “pouco problematizada e problemática” (Silva & Araújo, 2007: 89), tem surgido, nacional e internacionalmente, por via de temáticas mediáticas como a (des)construção de estereótipos (Amâncio, 1994), os fenómenos da desafecção, do insucesso e do abandono escolar dos rapazes por oposição ao investimento das raparigas (Epstein et al, 1999), da violência e da homofobia (Kimmel & Mahler, 2003; Connell, 2005). Esta última é, desde finais da década de 90, compreendida como o efeito consequente da construção performativizada e negociada das masculinidades sendo o “bullying homofóbico” um discurso naturalizado no interior das masculinidades e assim elevado a um ritual de passagem mítico e presumível no plano institucional, admitindo-se que os sujeitos que não se conformam com as normas de género padronizadas são homofobicamente censurados (Louro, 1997; Ferreira, 2004). De lembrar que a homossexualidade masculina sempre foi historicamente construída (socialmente, politicamente, cientificamente, ...) como oposta e incompatível com a masculinidade (Connell, 1992; Bourdieu, 1999).

Nas últimas décadas as associações de defesa dos direitos das pessoas LGBT, como a rede *ex aequo*, tem alertado para os fenómenos educativos problemáticos do “bullying homofóbico” assim como alguns estudos tem salientando um panorama escolar deste cariz (Caldas et al, 2012). Um documento da UNESCO

(2012), por exemplo, alerta que 70% dos/as jovens estudantes homossexuais são vítimas deste tipo de bullying e este, como uma forma multidimensional de violência, além de ter implicações na *saúde*, quer física quer psicológica destes jovens⁷, também tem implicações na forma como constroem *ciudadanias* na e com a escola pública, sendo esta, inclusive, questionada como uma instituição segura, inclusiva e democrática, permitindo que certas masculinidades e sexualidades se expressem, restringindo outras. Como refere Sue Lees, “If the subject of sexuality is to be addressed effectively, citizenship education needs to be include an awareness of gendered power relations which create the constraints on autonomy and choice.” (Lees, 2000: 273).

Esses estudos procuram denunciar a homofobia na escola baseando-se na noção de “masculinidade hegemónica” de Rawyen Connell para justificar a homofobia⁸. Como a própria refere, “[s]chool studies show patterns of hegemony vividly” (Connell, 2005: 37), sendo que a sua intenção era demonstrar a masculinidade como um campo plural de tensões e, sobretudo, de ligações de poder e dominação – masculinidades *hegemónicas, subalternas e marginalizadas* – mas as investigações, no entanto, tem debruçado muito mais sobre a *hegemónica* (Landreau & Rodriguez, 2010) mesmo que já num artigo anterior, Connell, tenha alertado para uma pluralidade de masculinidades gays (cf. Connell, 1992). Além disso, este tipo tradicional de masculinidade aparece como parte constitutiva da heterossexualidade compulsória, numa ligação que é historicamente mítica (como se por se ser masculino fosse obrigatoriamente ser-se heterossexual), ignorando-se outros formatos e versões.

“Oppression positions homosexual masculinities at the bottom of a gender hierarchy among men. Gayness, in patriarchal ideology, is the repository of whatever is symbolically expelled from hegemonic masculinity, the items ranging from fastidious taste in home decoration to receptive anal pleasure . Hence, from the point of view of hegemonic masculinity, gayness is easily assimilated to femininity. And hence - in the view of some gay theorists - the ferocity of homophobic attacks.” (Connell, 2005: 78).

Elisabeth Badinter (1996) refere mesmo, ao analisar teoricamente a masculinidade, que a heterossexualidade é, conjuntamente com o distanciamento à

⁷ A ideia de que os/as jovens LGBT tem três vezes maior tendência para o suicídio do que os seus congéneres heterossexuais, já se tornou um cliché que, embora confira à juventude LGBT uma carga estigmatizante e dessexualizadora, não deixa de ser um aspeto dominante nos estudos, principalmente da Psicologia, sobre este segmento juvenil (Rasmussen et al, 2004).

⁸ Connell refere-se à *masculinidade hegemónica* como “(...) the masculinity that occupies the hegemonic position in a given pattern of gender relations, a position always contestable.” (Connell, 2005: 76), não sendo a masculinidade meramente um tipo característico fixo, permanente e historicamente imutável, mas uma masculinidade hierarquicamente superiorizada no processo tensional de relações entre masculinidades. Adiante Connell reforça: “Hegemonic masculinity can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of Women.” (idem: 77).

mãe e às raparigas, a terceira prova confirmativa da virilidade, sendo mais intensa, por comparação à feminilidade, o processo da sua incessante validação. Ao justificar a homofobia através da *masculinidade hegemónica* reifica-se a ligação, mais simbólica do que empírica, presente nas representações e estereótipos dominantes (como se verá adiante) entre a masculinidade e a heterossexualidade e, por extensão, de forma inversamente proporcional, entre uma masculinidade falhada (efeminada) e a homossexualidade, que constrói já uma imagem estereotipada do processo concreto e físico do bullying e não raras vezes concede aos homens heterossexuais um poder acrescido sobre os gays.

Nesta perspetiva e por outro lado, os gays aparecem como vítimas inertes, passivos e submissos, sujeitos na asserção de “assujeitados” mais do que de “agentes”, aliás, uma tendência vitimista presente nos estudos juvenis LGBT que tem vindo a ser recentemente criticada por correntes da teoria *queer* (cf, por exemplo, Rasmussen et al, 2004). A própria noção de homofobia, oriunda dessas perspetivas psicologizantes, aparece associada a um medo fóbico individual e não a uma construção socioantropológica interacionista, histórica e coletiva (Borrillo, 2010).

Se a abordagem da homossexualidade em território escolar ainda é uma tarefa difícil (Louro, 1997; Epstein & Johnson, 2009), muito se deve aos estereótipos desqualificadores que os agentes educativos possuem (estrategicamente ou não) sobre os homossexuais e a ausente e/ou insuficiente teorização das *interconexões, rupturas e disjunções entre género e orientação sexual*, nomeadamente nos estudos em Portugal (Richardson et al, 2006). Em sentido contrário, pouco se sabe sobre as vivências homossexuais em contexto comunitário e cultural assim como da sua pluralidade do ponto de vista do género performativo (Santos, 2013) e, mais concretamente, das dinâmicas da masculinidade (Connell, 1992).

“The vocabulary for describing the difficult play, crossing, and destabilization of masculine and feminine identifications within homosexuality has only begun to emerge within theoretical language: the non-academic language historically embedded in gay communities is here much more instructive. The thought of sexual difference *within* homosexuality has yet to be theorized in its complexity.” (Butler, 2011: 183).

De facto, uma ideia importante a reter da teoria da *performatividade de género* é a possibilidade inequívoca de ideias fictícias de masculinidade e feminilidade coexistirem descoincidindo em corpos de homens e mulheres indiferentemente, transcendendo o sexo biológico, quer esses homens e mulheres se identifiquem como hetero, homo ou bissexuais; aliás, ideia que constitui o centro nevrálgico da

controversa e subversiva teoria *queer* visto que “(...) *queer* describes those gestures or analytical models which dramatise incoherencies in the allegedly stable relations between chromosomal sex, gender and sexual desire.” (Jagose, 1996: 3). O *queer* é pois um dispositivo estratégico de desconstrução da *matrix heterosexual*.

A perpetuação de estereótipos sobre rapazes e homens gays (ainda) os retrata, apesar da contemporânea visibilidade mediática, sobre a égide da efeminação. Se é verdade que algumas tentativas de demonstração da sua masculinidade afirmativa tem produzido um discurso dominante e aceite socialmente (por heterossexuais e gays) que não questiona a abjeção à feminilidade, operando-se, muitas das vezes, uma separação distintiva que, ignorando o carácter regulatório da heteronormatividade na expressão corporal, converte injustamente os gays efeminados nos culpados da homofobia (Jagose, 1996; Sedgwick, 2004), também é verdade que nem sempre a subversão contribui para uma sensata reconversão trabalhada dos termos da percepção social que é essencial para a evolução de mentalidades e combate e censura social à homofobia visto que nem sempre ser “efeminado” funciona como uma forma de contestação subversiva à heteronormatividade, podendo até dar-lhe um certo conforto (Butler, 2011).

“A more understandable reason than effeminophobia, however, is the conceptual need of the gay movement to interrupt a long tradition of viewing gender and sexuality as continuous and collapsible categories — a tradition of assuming that anyone, male or female, who desires a man must by definition be feminine; and that anyone, male or female, who desires a woman must by the same token be masculine.” (Sedgwick, 2004: 72).

Em certo sentido, e dito e visto de outro modo, demonstrar uma pluralidade de masculinidades gays, umas mais normativas, outras mais hegemónicas, e os processos (juvenis) do seu engajamento, contestação, controlo e modificação, além de contribuir para a desconstrução de estereótipos, pode ser também uma forma de contestação *queer* à *matrix heterosexual*, para além das estratégias do choque. A paródia de género pode ser vista, num jogo de má-fé, como uma descrição autoevidente (Patton, 2004). Admitir que cumprir as regras de género não implica obrigatoriamente ser heterossexual e que ser homossexual não implica obrigatoriamente inverter o género, é, afinal de contas, *evidenciar uma ruptura* na tangibilidade de género produzida pela *matrix heterosexual* que espera que um homem seja masculino e que um homem masculino seja heterossexual, já que, como refere Connell, “[a] masculine object-choice subverts the masculinity of character and social presence.” (Connell, 1992: 748).

Este artigo inspira-se numa tese de Mestrado realizada anteriormente sobre os percursos e as experiências escolares de jovens rapazes que se identificavam como “gays”, “bissexuais” ou de “sexualidade aberta” (não-heterossexuais) (cf. Santos, 2013). Tinha-se como objetivo perceber a existência de comportamentos homofóbicos e/ou heteronormativos e a natureza das suas manifestações. Simultaneamente perscrutou-se as relações juvenis com as suas culturas, no argumento que a Sociologia da Juventude e a Sociologia da Educação estão desencontradas, tentando desvendar uma *diversidade dentro da diversidade* de engajamentos, de identificações e tribos (e respetivas consciências), de cidadanias sexuais, de violências e, sobretudo, de masculinidades, contrariamente a um certo essencialismo vitimista presente na abordagem das ciências sociais e humanas dos grupos tradicionalmente marginalizados, nomeadamente “os homossexuais” que ficam assim aprisionados a uma narrativa do sofrimento, “a narrative trope that does exist and continues to be a partial, though sad and outrageous, reality becomes the entire portrait of this rich and complex population.” (Rasmussen et al, 2004: 7).

Salienta-se aqui as masculinidades não-heterossexuais na sua multiplicidade argumentando-se que, quer a *masculinidade hegemónica não é um privilégio intrínseco da heterossexualidade masculina*, e que alguns jovens (gays ou bissexuais) *reproduzem ativamente* estereótipos de género dominantes assim como comportamentos homofóbicos, quer também que nem tudo na escola se resume à masculinidade hegemónica havendo sempre brechas na estrutura que possibilita, mesmo que minoritariamente, uma contestação ao seu sistema, funcionamento e reprodução, no argumento que a estrutura é sempre ativada pela agência. Conceber aqui, não só a estrutura homofóbica mas também a agência, é poderoso colocando os jovens “fora da vitimização e da determinação e nos empurra para o necessário conflito entre estrutura e acção coletiva e individual do ser humano.” (Magalhães, 2002: 196).

Tendências, escolhas e práticas metodológicas

Auscultar as vozes juvenis constitui-se como um imperativo quer *epistemológico*, coincidente com um *paradigma qualitativo*, quer *ético* na medida em que estar em discurso direto é uma forma simbólica e material de entrar em contacto com a realidade sem intermediários que falsifiquem a densidade das marginalizações. Outros cuidados éticos dizem respeito à garantia de anonimato, de confidencialidade, de consentimento informado e de salvaguarda de dano e também estiveram

presentes. Como contactar este grupo em particular exige a assunção e reconhecimento da homossexualidade, normalmente oculta pelo estigma social e/ou pelas expectativas heterossexuais da sociedade e da escola, foi preciso o recurso às realidades virtuais assim como o contacto a uma associação para aceder aos jovens. Elegeu-se sete jovens entre os 17 e 23 anos como sujeitos principais: o Leandro, o Manuel, o Francisco, o Rodrigo, o Fábio, o André e o Luís.

A entrevista *semiestruturada* e em *profundidade* pareceram-nos um método simples e direto de recolha de dados, adequado às limitações temporais de pesquisa e escrita académica, visando "the gathering of data through direct verbal interaction between Individuals." (Cohen, Manion & Morrison, 2007: 351). Contudo, visto que havendo uma possibilidade de integrar as culturas juvenis, uma abordagem etnográfica, pautada por *pequenos encontros urbanos*, absolutamente informais, foi essencial. Tópicos de potencial sensibilidade como "sexualidade" ou "violência" exigem a construção de alguma confiança gradual com os sujeitos, incompatível com o momento único, gélido e intrusivo da entrevista, tendo em conta o desejo por uma exploração narrativa (Santos, 2013). Como a etnografia implica um prolongamento distensivo no fluxo do tempo a possibilidade de fomentar o início de uma relação converte-se numa estratégia para lá da mera recolha de dados, assentes na observação participante e escrita de notas de terreno. (Ferreira, 2004; Silva, 2004). A etnografia foi assim encarada, mais do que uma aplicação mecânica e rigorosa das técnicas de investigação, como uma postura hermenêutica de ser e estar com os sujeitos.

O contacto com o terreno iniciou-se em Outubro de 2012 e terminou em Fevereiro de 2013 (5 meses) e traduziu-se em 25 notas de terreno. Algumas notas de terreno aqui mobilizadas integram descrições minuciosas sobre a performance de género dos jovens embora se reconheça que, tal como as restantes indagações, estas dizem exclusivamente respeito à visão e percepção subjetivista do investigador.

Numa primeira fase destaca-se o panorama escolar tentando destrinçar algumas manifestações e expressões da homofobia, argumentando-se que as representações dominantes produzem e, simultaneamente, desfrutam de uma visão efeminada dos gays. A homofobia é alimentada dessa forma. Numa segunda fase, destaca-se os modos juvenis individuais de reagir nesse *panorama estrutural* – isto é, as suas *manobras agenciais* –, discutindo a diversidade de masculinidades gays. Desse modo, interessava-nos o particular e o individual, organizando depois a discussão em torno de "ideal types" (Weber, 2005: 56), não estando interessado em

generalizar dados mas contribuir para uma discussão teórica que possibilite pensar-se e elaborar-se estudos de cariz mais alargado. Este enfoque nas individualidades não tem como intenção uma descoletivização das formas de resistência à discriminação mas uma análise mais microscópica que, estando mais interessada no banal, no detalhe e no disruptivo, possa resgatar as incoerências para o cerne do debate em torno da homofobia em educação.

Panorama: o que normalmente se passa nas escolas

A homofobia tem na escola uma presença tão *assídua* e *pontual* como o próprio corpo dos/as jovens estudantes sendo co-extensiva à própria instituição (Louro, 1997). As suas manifestações e expressões dizem respeito, contudo, não a uma avaliação moral e hierarquizadora dos comportamentos sexuais, como, às vezes, se sugere nos debates públicos, políticos e/ou religiosos (isto é, a homossexualidade como um comportamento sexual passível de um qualquer tipo de julgamento) mas, como observara Maria do Mar Pereira (2009) numa etnografia sobre a construção juvenil de género na escola, a censura homofóbica interliga-se, sobretudo, à performance e (in)adequação de género.

“André: - [Eu] era um **rapaz que não fazia o que os outros rapazes faziam. Tipo dançava no grupo de dança, nunca gostei de jogar futebol, andava sempre com raparigas**, essas coisas, e isso bastava para ser, digamos, o **bode expiatório**, percebes?” (André, 17, entrevista).

“Fábio: - Passavam, eles [os colegas rapazes] apercebiam-se de alguma coisa, ou mesmo **os gestos da pessoa falar, ou alguma forma de vestir que seja diferente da deles**, eles começavam logo, “olha o gay”, “olha isto”, olha aquilo!” (Fábio, 19, entrevista).

“Leandro: - Sim mas não é o caso do meu grupo de amigos mas tinha lá pessoas conhecidas que eram e são e que hoje eu sei que são mas na altura eram gozadas **porque andavam assim, andavam assado, rebolavam-se assim, rebolavam-se assado. Faziam um tique com a mão e não sei o quê**. Via-se, não era rejeição, era [pensa] insultar. Passavam e “olha o paneleiro!”, ora isto ora aquilo.” (Leandro, 20, entrevista).

Manuela Ferreira (2004), numa etnografia com crianças num Jardim de Infância, destaca que cada espaço da dita instituição era marcado por brincadeiras que se organizavam, ao longo do tempo, em torno de um género (espaços apropriados por e para raparigas e espaços apropriados por e para rapazes). O atravessamento das fronteiras entre espaços pressupunha o gozo e a desqualificação imediata, sendo as crianças-atoras, igualmente perpetuadoras de estereótipos sociais mais vastos. Desse modo, a homofobia é, de alguma forma, também um processo de

genderização constitutivo do desenvolvimento etário sendo mais forte nas fases da vida mais iniciais onde o processo de pertencimento realçado a um género tende a ser mais forte (Santos, 2013).

Assim, do ponto de vista da sua expressão, concorda-se com Daniel Borrillo, quando ele, ao fazer um aprofundamento histórico do conceito de “homofobia”, a interpreta como um “(...) dispositivo de vigilância das fronteiras de gênero que atinge todas as pessoas, independentemente da orientação sexual, ainda que em distintos graus e modalidades.” (Borrillo, 2010: 8). Esta interpelação que associa a identificação gay à desadequação de género (efeminação) salvaguardando, ainda que implicitamente, as normas de género (homem masculino, mulher feminina) à heterossexualidade, contribui para a produção e construção geral de um *estereótipo conveniente* que é histórico remontando, inclusive, às sociedades greco-romanas, aquelas que o senso-comum alegadamente diz serem as mais liberais no que toca à homossexualidade.

“Nos textos do Século XIX existe um perfil-tipo do homossexual ou do invertido: seus gestos, sua postura, a maneira pela qual se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões do seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina de todo o seu corpo fazem, regularmente, parte dessa descrição desqualificadora; a qual se refere, ao mesmo tempo, ao tema de uma inversão dos papéis sexuais e ao princípio de um estigma natural dessa ofensa à natureza (...)” (Foucault, 1998: 21).

Apesar da teoria *queer* propôr uma separação distintiva entre comportamento de género e orientação sexual, a verdade é que as representações dominantes exploram convenientemente esses estereótipos. Como refere Butler, numa frase que ilustra bem a intersecção entre género e sexualidade,

“It is important to emphasize that although heterosexuality operates in part through the stabilization of gender norms, gender designates a dense site of significations that contain and exceed the heterosexual matrix. Although forms of sexuality do not unilaterally determine gender, a non-causal and non-reductive connection between sexuality and gender is nevertheless crucial to maintain. Precisely because homophobia often operates through the attribution of a damaged, failed, or otherwise abject gender to homosexuals, that is, calling gay men “feminine” or calling lesbians “masculine,” and because the homophobic terror over performing homosexual acts, where it exists, is often also a terror over losing proper gender (“no longer being a real or proper man” or “no longer being a real and proper woman”), it seems crucial to retain a theoretical apparatus that will account for how sexuality is regulated through the policing and the shaming of gender.” (Butler, 2011: 182).

Ou como refere o Luís,

“Luís: - (...) os que são evidentes, os mais efeminados, ou que estão mais à vontade com a situação, acabam por ser mais vítimas porque dão mais nas vistas. **São mais facilmente identificáveis como diferentes (...)**” (Luís, 23, entrevista).

Do ponto de vista das suas manifestações, a expressão da homofobia dá-se, não maioritariamente através de um ritual agressivo como o bullying é representado no imaginário coletivo, mas, sobretudo, através do insulto. É o insulto que rotula já os sujeitos mesmo antes de estes se verem ou reverem nas suas sexualidades. Um insulto que, além de impossibilitar a privatização da sexualidade escolar e a destituir de uma natureza naturalmente natural, revela a *verdadeira dimensão de um self falhado*.

“Fábio: - [...] Não. Nunca revelei [a orientação sexual] na escola. Sabiam que havia realmente essas especulações que as pessoas diziam, que os colegas diziam ou chamavam mas nunca confirmei e nunca disse. **Se bem que naquela altura, isto estou a falar ainda mais no básico ainda, ainda não sabia bem o que haveria de ser. Eles chamavam mas eu ainda não sabia bem o que é que eu queria. Nem sequer tinha estado com alguém para poder dizer se eu gostava disto ou se gostava daquilo.** Isso foi mais a partir do secundário, mas o secundário foi melhor que o básico. Acho que o básico fiz assim com um bocadinho de medo e à pressa (...)” (Fábio, 19, entrevista).

“Francisco: - A mais negativa foi **o isolamento** que senti nomeadamente no 7º, 8º ano e isso tem a ver sem dúvida alguma com eu assumir para mim a orientação sexual. **Foi na altura em que descobri o que é que queriam dizer as palavras, os insultos, nomeadamente o “gay”, o paneleiro, o “bicha”. Descobri a definição desses insultos e quando criança, jovem, adolescente é melhor assim, enquanto criança-adolescente, que saiba que eram insultos mas não sabia a definição em si, afetou-me muito porque para mim era um ato normal de gostar ou amar alguém do mesmo sexo.**” (Francisco, 21, entrevista).

“Luís: - Fui descobrindo a pouco e pouco entre os 15 e 16. Ou seja, achava **eu que estava a fugir da norma do que toda a gente ou o que a sociedade, neste caso, dizia que era o normal.**” (Luís, 23, entrevista).

Este insulto tem o peso e a marca da “outrização”, do estigma e da desqualificação atribuindo à possibilidade não-heterossexual um lugar abjeto. O objecto diz respeito a “(...) those “unlivable” and “uninhabitable” zones of social life which are nevertheless densely populated by those who do not enjoy the status of the subject, but whose living under the sign of the “unlivable” is required to circumscribe the domain of the subject.” (Butler, 2011: xiii). Na perspetiva butleriana, os processos de genderização ocorrem através de repetidas invocações e repudiações. As censuras homofóbicas necessitam de um “constitutive outside” (idem: xiii) sendo a homofobia intrínseca ao sistema institucional e tendo consequências negativas nos sujeitos.

Estes ficam assim vulneráveis à violência e assédio como é bem ilustrativo na entrevista do Fábio.

“Fábio: - Porque eu não gostava, **a parte de eu entrar no balneário e eles mandarem aquelas bocas e eu ter que estar ali ao pé deles, não aguentava**. Cheguei muitas vezes a evitar fazer a aula ou então entrava mais cedo para a aula para me equipar a ir diretamente para o ginásio e então tentava sair 5 minutos mais cedo para tomar banho antes deles, sempre tentar **evitar estarmos todos em conjunto**.” (Fábio, 19, entrevista).

A educação física é pois uma atividade onde as expressões homofóbicas adquirem algum vigor obrigando a estratégias de evitamento, em parte, porque os processos de homosociabilidade exigem a produção de uma identificação masculina que necessita sempre do repúdio à homossexualidade (Pascoe, 2007); uma identificação abjeta que é produzida interativa e performativamente, como um ato teatral (“em conjunto”). Mas se é verdade que o atravessamento das fronteiras de género aciona de imediato uma censura homofóbica – o género corporalizado é sempre público –, também é verdade que o insulto é mobilizado mesmo na ausência de comportamentos.

“Rodrigo: - Fui muita vítima de bullying homofóbico, não frequentemente nem achava que essa vitimização advinha do facto de eu ser ou comportar-me da forma que se entendesse ser mais ou menos masculinizada porque isso acontecia com muitos colegas meus de forma indiscriminada, percebes? O que eu estou a querer dizer **é que não me chamavam os nomes por eu ser ou não homossexual mas porque faziam isso a todos. Era uma forma de insultar, percebes?**” (Rodrigo, 23, entrevista).

O insulto (“gay”, “maricas”, “bicha”, “paneleiro”, etc) é utilizado como um signo sem referente cujo ataque não tem como objetivo necessariamente o corpo ontológico do homossexual. Como verifica Maria do Mar Pereira na sua etnografia escolar, esses insultos são “(...) usados para criticar a conduta de qualquer rapaz, independentemente das suas práticas sexuais (...)” (Pereira, 2009: 122). É aqui que a homofobia se converte num *banal problema de todos* e não apenas de uma minoria. O insulto é uma *atribuição circunstancial com uma carga estigmatizante que toda a gente (rapazes, raparigas, hetero e homossexuais) sabe que pode usar para controlar a masculinidade*. Como refere Pascoe,

“Fag is not necessarily a static identity attached to a particular (homosexual) boy. Fag talk and fag imitations serve as a discourse with which boys discipline themselves and each other through joking relationships. Any boy can temporarily become a fag in a given social space or interaction. This does not mean that boys who identify as or are perceived to be

homosexual aren't subject to intense harassment. Many are. But becoming a fag has as much to do with failing at the masculine tasks of competence, heterosexual prowess, and strength or in any way revealing weakness or femininity as it does with a sexual identity. This fluidity of the fag identity is what makes the specter of the fag such a powerful disciplinary mechanism. It is fluid enough that boys police their behaviors out of fear of having the fag identity permanently adhere and definitive enough so that boys recognize a fag behavior and strive to avoid it." (Pascoe, 2007: 54).

O insulto só é tomado como tal porque se apropria de um sistemas de valores que edificado em torno do patriarcado, da masculinidade, da heterossexualidade a ela simbolicamente ligada e do falocentrismo (Bourdieu, 1999). Expressões como "vai levar no cu" ou "chupa aqui [referindo-se aos pénis]" são ilustrativos dessa apropriação. A homofobia é um processo inerente à masculinidade visto que o insulto para lésbicas parece inexistente e não parece ter a mesma dimensão para as raparigas ou para a homossexualidade feminina, o que revela, quer o valor social atribuído às masculinidades, quer a sua iminente fragilidade (Badinter, 1996)⁹.

"[sobre quem é mais afetado pelo bullying]

Hugo: - Gays ou lésbicas?

Manuel: - Gays. **As lésbicas nem tanto. Eles até gostam** (risos).

Hugo: - Como assim?

Manuel: - Então, os heteros gostam de lésbicas né? Tem fantasias e isso com elas. É isso..." (Manuel, 17, entrevista).

Lígia Amâncio (1994) destaca que a construção social do feminino se dá através da sua constituição como dimensão oposta à masculinidade e assim associando-se à fraqueza e fragilidade, características desvalorizadas socialmente. Em "A Construção Social da Diferença", Lígia Amâncio elabora um quadro que dá conta que às características socialmente reconhecidas como tipicamente "masculinas" eram atribuídas, por parte dos sujeitos, conotações positivas por oposição às características femininas tidas como renegáveis, repúdio também explicado por Bourdieu em "A Dominação Masculina" (1999) e pelo Francisco.

"Francisco: - (...) **Uma rapariga que é mais masculina é maria-rapaz, pronto, é uma fase.** Resulta por uma questão de inferiorização e diferença de género. O facto de a nossa sociedade o ser homem é mais positivo do que ser mulher é por isso que **uma mulher que tem um comportamento de homem não é censurada mas um homem que tenha um**

⁹ O que não significa que a homofobia contra as raparigas não-heterossexuais não exista nos mesmos termos (e.g., o insulto de "fufa") ou em modos peculiares (e.g., invisibilidade ou assédio). De realçar que este estudo foca apenas os rapazes, alertando-se para a necessidade de focar também, em outros estudos, a juventude feminina não-heterossexual visto que a experiência genérica da homossexualidade feminina tende a ser negligenciada, quer pelo patriarcado que abjeta a sexualidade feminina por si só, quer pela heteronormatividade que invisibiliza a possibilidade homossexual, quer por um certa misoginia na comunidade gay criticada historicamente por algum feminismo.

comportamento de mulher já é mais censurado porque a mulher é inferior ao homem. Isto é transversal à sociedade, transversal a questões de orientação sexual. Quase que quando nascemos somos embutidos desde criança a isso. É por isso que um rapaz efeminado sofre muita mais discriminação e até violenta do que uma mulher mais masculina. São os opostos, digamos assim, segundo o seu género biológico até porque há sempre o receio de como ela é uma mulher masculina pode-me agredir fisicamente. **Como ele é um rapaz efeminado à partida não me vai agredir porque as mulheres não agridem.**” (Francisco, 21, entrevista).

A teoria feminista tem elucidado que coexistem lógicas de governabilidade patriarcal em educação sendo a arena escolar o palco da desigualdade de género (Richardson et al, 2006).

“Hugo: - E achas que isso se deve a quê, essas discrepâncias entre sexos?

Leandro: - Não sei, **acho que isso vem de uma coisa desde dos nossos antepassados. De duas mulheres é super normal haver intimidade mas com os homens é tipo os machões não pode haver intimidade, é colegas e acabou.**” (Leandro, 20, entrevista).

“Rodrigo: - Isso acontece por uma questão de a sociedade ser muito mais punitiva relativamente à homossexualidade masculina **e isto vem de uma coisa cultural, já vem desde, sei lá, eu ia dizer século XIX, onde foi mais marcado mas anteriormente já a própria religião** também influenciou isso mas a verdade é que os homens são muito mais, ou pelo menos na superfície criticam muito mais a homossexualidade masculina porque também **vivemos numa sociedade muito machista, percebes?** Em que **o papel do homem tem que ser marcado e distinguido e o da mulher é quase esquecido.** Se uma mulher tiver relações com outras mulheres esconde-se mais facilmente agora se for um homem é um escândalo porque não está a cumprir o seu papel não é?” (Rodrigo, 23, entrevista).

Em suma, a interpelação homofóbica esta associada ao atravessamento das fronteiras de género e consiste mais numa *estratégia discursiva* para regular toda a masculinidade e/ou heterossexualidade apropriando-se de uma representação dominante estratégica que, alimentando-se da “inferioridade abjeta da feminilidade”, retrata a identificação gay sempre e somente como efeminada, passiva e frágil, um retrato conveniente à sua próprio manutenção e perpetuação.

Manobras: como os jovens lidam com o que se passa nas escolas

De seguida apresentamos alguns perfis-tipo de masculinidades (dois) que procuram contestar quer a assumpção do imaginário homofóbico que assume que a homossexualidade masculina é sempre efeminada, quer o vitimismo passivo muitas vezes dado a entender nos estudos sobre homofobia escolar. Alerta-se, contudo, que a escolha e constituição destes perfis-tipo serve apenas a lógica da discussão pois subsiste sempre o perigo do essencialismo, da cadastrização panótica e da cristalização temporal quando se colocam na mesma categoria aspetos cuja natureza

(social) é invariavelmente variável. Feita esta adenda, apresenta-se de seguida a discussão.

Masculinidades gays hegemónicas: o caso do Leandro e do Manuel

O Leandro (19) e o Manuel (17), ambos de classe trabalhadora, são dois jovens, autoidentificados como bissexuais, que alegadamente não sofreram bullying homofóbico. Na verdade ninguém sabia que eles eram bissexuais porque, segundo eles, não “davam nas vistas”. O que é *dar nas vistas*? Dar nas vistas é ter comportamentos de géneros desapropriados que indiciem simbolicamente uma homossexualidade, alias, ideia que é constitutiva do panorama escolar.

“Hugo: - (...) Mas nunca foste gozado por seres bissexual?

Manuel: - Não, porque nunca ninguém soube. Nunca andei por aí com um autocolante na testa “sou gay”, “sou bi”, sou “isto”, sou “aquilo”, **sempre me comportei como um homem normal.**” (Manuel, 17, entrevista).

Ser um “homem normal” é pois ter comportamentos de género normativos segundo a matrix heterossexual (homem masculino, mulher feminina). De facto, estes rapazes eram discretos, mantinham a postura, eram masculinos. Tão masculinos que a ideia estereotipada de uma “normalidade” só pode presumir uma ligação unilateral “homem/masculino”.

“A forma como fala, como coloca o cigarro na boca e exalta o fumo, como se desloca, a gramática que utiliza dentro da entrevista e fora, as expressões do seu rosto, a posição das pernas quando anda e a roupa sóbria, mas simultaneamente juvenil e sensual. Era ligeiramente musculado e atlético, confiante e até um pouco atrevido. Se eu não soubesse que ele gostaria de homens juraria que estava diante de um hetero” (NT, 31 de Janeiro de 2013).

São jovens que – como explicara Leandro mais tarde –, “passam por heteros”. O que é “passar por hetero”? “Passar por hetero” é não “dar nas vistas” (*straight*). Num estudo etnográfico sobre a sexualidade na escola de Debbie Epstein e Richard Johnson, os investigadores destacam o Simon, um jovem gay assumido líder de uma equipa de rugby. Este jovem apresentava “(...) virtualmente uma versão didática de masculinidade – a masculinidade que se supõe ser desejável –, a não ser pelo fato de ser gay.” (Epstein & Johnson, 2009: 85). Ora, como refere Connell, “In this sense, most gays are “very straight.”” (Connell, 1992: 746).

A existência de dois sexos, por si só, produz uma ideia expectante de complementaridade que, agregada simbolicamente às normas de género binariamente

(e falsamente) constituídas (homem masculino, mulher feminina), como numa espécie de “cosmologia sexual” (Bourdieu, 1999), dá a sensação que toda a gente é irremediavelmente heterossexual. É nesse contexto que o “passar como hetero” revela o caráter-não neutral da orientação sexual visto que a simbologia da heterossexualidade está já instalada no corpo normativamente genderizado (exceção feita quando o género é subvertido, por exemplo, com tiques, isto é, quando os signos identificatórios da homossexualidade se projetam para o espaço público através da performance corporal) (Butler 1999), e o “assumir a homossexualidade” faz sentido visto que, de outra forma, a homossexualidade passa sempre por uma heterossexualidade natural(izada), ou seja, um “desvio secreto”.

Ora, como argumenta Warner (2004) – o primeiro a introduzir o termo “heteronormatividade” no léxico da teoria social –, o cerne da cultura assenta na imagem (quase paradoxalmente laboratorial) de um casal heterossexual no qual o modelo genésico de Adão e Eva é o seu principal modelo paradigmático. Cria-se uma linha de coerência conveniente entre a existência humana, a reprodução biológica e a heterossexualidade – ignorando-se as suas hierarquias eternas que a fazem dela uma ficção devido às suas práticas heterossexuais não-reprodutivas –, conferindo à mera prática heterossexual uma “moralidade superior” que “testifies to the depth of the culture's assurance (read: insistence) that humanity and heterosexuality are synonymous.” (Warner, 2004: xxiii). A homossexualidade, porque ou representa a não-reprodução, ou porque alegadamente interfere com uma “verdadeira natureza” do género (Butler, 1999), seria do domínio do não-humano sofrendo as consequências devidas: a homofobia surge aqui como desumanização (Borrillo, 2010).

Assim, ter comportamentos de géneros adequados é ser tomado como heterossexual e não ser desumanizado pelo bullying (por exemplo, o Leandro era conhecido como “Leandro-come-todas”). Estes rapazes utilizam claramente esta estratégia defensiva – o que não significa não serem “verdadeiramente masculinos” – mas, apesar de não se constituírem como vítimas tradicionais, a sua estratégia acaba por revelar todo o esplendor do potencial da violência desumanizadora da homofobia.

“Manuel: - Há pessoas que aceitam, outras que não aceitam, e portanto... **Ou continuas a manter a tua postura lá dentro ou esquece.** Acho que aquilo em relação a estar mais moderado, é muito relativo.” (Manuel, 17, entrevista).

Mais adiante, na entrevista, o Manuel explica que não era assumido porque senão levava “um tiro” (cf. Santos, 2013). Aliás, reações agressivas semelhantes que

teriam os jovens do estudo de Silva & Araújo (2007: 203) sendo a expressão “levar um tiro” reveladora da extrema violência a que o reconhecimento (atribuído e, sobretudo, auto-assumido) de alguém como gay pode chegar, obrigando estes jovens a um processo de ocultamento. Mas não só estes jovens se limitam a ocultar, a privatizar, a omitir e até mentir sobre a sua (bi)sexualidade, como reproduzem ativamente estereótipos e nutrem uma relação conflitual com a masculinidade (Connell, 1992). Um aspeto interessante, por exemplo, é o facto de o Leandro ter assumido, ainda que a medo, ter praticado bullying homofóbico.

“Leandro: - [sobre ser vítima de homofobia] No ciclo sim, até ao 9º ano passei alguns bocados, não é? Eu próprio fiz **as minhas asneiras da juventude de hoje em dia** mas no secundário... Não, eu nunca sofri bullying. Estava a falar que vi bullying, etc, etc, mas nunca passei por bullying. **Se calhar eu é que fazia aos outros, infelizmente.**” (Leandro, 20, entrevista).

As semelhanças com a personagem de Simon são notórias até porque “uma de suas estratégias de evitação era participar da intimidação de rapazes mais fracos e “efeminados” na escola.” (Epstein & Johnson, 2009: 85). O facto de o Leandro, bissexual, ter praticado “essa asneira da juventude” revela o carácter performativo das masculinidades: *para não ser tomado como homossexual, mais vale jogar o jogo performativo da atribuição do maricas* (Pascoe, 2007) e imputa-lo a alguém para que a constante atribuição no tempo a outrem o salvguarde de ser tomado como tal, anteriormente à atribuição que lhe antecede. Estes são os primeiros resquícios de uma *homofobia interiorizada* quando os sujeitos, confinados a uma cultura heterossexista, interiorizam os preconceitos de que são alvo. “A interiorização dessa violência, sob a forma de insultos, injúrias, afirmações desdenhosas, condenações morais ou atitudes compassivas, impele um grande número de homossexuais a lutar contra seus desejos, provocando, às vezes, graves distúrbios psicológicos, tais como sentimento de culpa, ansiedade, vergonha e depressão.” (Borrillo, 2010: 101). Explica Bourdieu,

“(…) os homossexuais que, tendo sido necessariamente educados como heterossexuais, interiorizaram o ponto de vista dominante podem assumir esse ponto de vista sobre si próprios (o que os vota a uma espécie de discordância cognitiva e avaliativa de molde a contribuir para a sua clarividência especial) e que compreendem o ponto de vista dos dominantes melhor do que estes últimos podem compreender sobre eles.” (Bourdieu, 1999: 27).

Estes jovens acabam assim por serem *cúmplices ativos da sua própria dominação*. Estão livres, à partida, do bullying homofóbico mas a homofobia interiorizada que produzem é também – para usar um conceito de Pierre Bourdieu (1999) – uma forma de *violência simbólica*.

“Falar de dominação ou de violência simbólica é dizer que, excepto em caso de revolta subversiva conducente à inversão das categorias de percepção e de apreciação, o dominado tende a assumir sobre si próprio o ponto de vista dominante: nomeadamente através do *efeito de destino* produzido pela categorização estigmatizante e em particular o insulto, real ou potencial, pode ser assim levado a aplicar a si próprio e a aceitar, coagido e forçado, as categorias de percepção *rectas* (*straight*, por oposição a *crooked*, “torcidas”, como na visão mediterrânea), e a viver na vergonha a experiência sexual que, do ponto de vista das categorias dominantes, o define, oscilando entre o medo de ser percebido, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido pelos outros homossexuais.” (Bourdieu, 1999: 102).

No caso do Leandro, este é obrigado a um jogo do disfarce que garante a hegemonia pública da heterossexualidade, sendo esta, não apenas uma orientação sexual bio-ontológica (isto é, “natural”) mas também um efeito de pressão, ou seja, uma máscara. É por isto que estes jovens apresentam uma versão de cidadania opaca e pouco consistente e consciente, uma cidadania que nem chega a ser cidadania; uma cidadania que “pelo registo daquilo que não é, trata-se de *cidadanias do faz-de-conta*” (Santos, 2013: 106).

“Leandro: - **Andei muito tempo a querer enganar-me a mim próprio** mas cheguei a um certo ponto e disse, “é isso que eu quero, é isso que eu vou seguir!”. Oh pá, tentei enrolar mesmo sabendo, por exemplo, **eu namorava com uma rapariga e falava com rapazes, mudava os nomes no telemóvel, fazia mil e uma coisas para ninguém desconfiar**, e é assim.” (Leandro, 20, entrevista).

Essas manifestações de *homofobia interiorizada/violência simbólica* dirigem-se em várias direções e as estratégias de ocultamento são justificadas em relação a outra identidade: “as bichas”. As “bichas” – rapazes gays não-transexuais com comportamentos de géneros efeminados – servem como bode expiatório para justificar a homofobia.

“Manuel: - Não! Para mim não são. **Lá por seres gays não precisas de ser bicha**, dar nas vistas, ser escandaloso e assim. É por isso que a sociedade pensa mal dos gays. **Elas dão má imagem dos gays (...)** Detesto bichas! **Se eu gostasse de mulheres andava com uma, né?** Não como uma cópia. São piores do que as mulheres...” (Manuel, 17, entrevista).

Nem sempre os grupos marginalizados são vítimas dentro de uma equação unilateral (por exemplo, heterossexuais versus homossexuais). Manuela Ferreira

(2004), contrariamente ao senso comum que romantiza a criança, demonstra como estas não só tem estratégias de rearticulação das regras do mundo adulto como também reproduzem estereótipos mais gerais. Neste caso concreto, estes jovens não toleram a inversão de género e essa intolerância criam vítimas até nas culturas juvenis nos quais estes jovens se ausentam.

Manuel: - Txii, não gosto. **Entrar lá [café gay] e ter aquele bichedo todo a olhar para mim. Não gosto.** Ter aquelas bichas todas a olhar para mim? Naa. Incomoda-me!" (NT, 19-12-2012).

"Leandro: - Eu fui a esse bar e começou aquela cena daqueles travestis, e eu não curto nada disso e bazei e fui para o outro bar. Tive também lá um bocado e vim embora. Não sou cliente assíduo dessa cena que não gosto. **Sinto-me mal no meio de tantos gays, não gosto.**" (Leandro, 20, entrevista).

Um olhar atento pelas culturas juvenis gays revelou uma oposição distintiva entre o "gay normal (masculino, não frequentador de sítios gays) e a "bicha louca" (efeminada, frequentador assíduo de lugares gays). A bicha funciona para o gay masculino da mesma forma que o gay (na sua generalidade e estrategicamente tomado como "efeminado) funciona para o homem heterossexual. Assim como subsiste historicamente um estereótipo dominante do gay efeminado que é visível no panorama escolar, também existe, dentro da cultura gay, um mudo duelo de forças entre o "gay normal" (a homossexualidade viril e respeitável, mais próxima da heterossexualidade) e a "bicha louca" (a homossexualidade repudiada e mais próxima da ideia de uma homossexualidade exclusiva); ideia que é tão historicamente coextensiva quanto a primeira¹⁰.

"Leandro: - [...] Mas é assim, eu também, a minha seleção de amigos, não posso seleccionar o amigo pela aparência dele, exato, mas **quando eu quero sair com um amigo com a mesma orientação do que eu e queira tar ao mesmo tempo com uma pessoa heterossexual tento escolher uma pessoa que não demonstre muito aquilo que é.** Não é por vergonha, não é por nada. Mas é para manter tanto a minha privacidade, tanto a privacidade da pessoa em questão. Então o meu grupo de amigos que sejam gays e não sei o quê, **não são aqueles gays ditos "bichas" que se abanam e não sei o quê, que eu até não gosto disso.** E pronto, é assim." (Leandro, 20, entrevista).

Como refere Sedgwick, "the effeminate boy once more in the position of the haunting abject — this time the haunting abject of gay thought itself." (Sedgwick, 2004:

¹⁰ Nas sociedades greco-romanas, por exemplo, amplamente ostentadas como tão "abertas" à homossexualidade, esse estereótipos já existiam e serviam um propósito político (Foucault, 1998).

72). Ou seja, os rapazes não-heterossexuais masculinos reproduzem ativamente os estereótipos de género mais gerais (isto é, heteronormativamente normativos), não sendo por isso vítimas mas, pelo contrário, procurando vitimizar para reduzir as suas ansiedades juvenis de autodescoberta (homos)sexual, chegando, inclusive, a serem cruéis quando seleccionam as amigadas, isto é, quando discriminam. Paradoxo: *acabam por serem motores da própria discriminação de que se queixam ser alvo.*

Masculinidades gays *queer*: o caso do André

Se o Leandro e o Manuel são um exemplo claro da reprodução e perpetuação da masculinidade hegemónica através de um corpo não-heterossexual – o que contradiz a ideia do gay enquanto efeminado –, o André podia aqui representar o seu oposto. As experiências descritas pelo André revelam uma forte crítica à escola e à heterossexualidade masculina que nela se perpetua. Algumas delas são descritas vividamente como uma espécie de episódios interativos.

“André: - [André a descrever uma situação onde é vítima de bullying por parte de colegas na escola] De repente, um diz muito baixinho para que só eu pudesse ouvir, “isto aqui é só paneleiros!”, eu virei-me porque de certeza que era para mim, abanei-me todo e disse-lhe, **“pois sou paneleiro e adoro! Porquê? Algum problema?”**. Eles ficaram tipo, não estavam à espera, percebes? Grizei-me! Eu adoro esse tipo de coisas. **Às vezes temos que ser assim senão eles vão pensar que a gente ouve e cala.** E eu ali. “LOL”. In-Your-Face!” (André, 17, entrevista).

Este jovem não deixa de ser vítima de bullying mas as suas reações afrontivas (in-your-face”) distanciam-se do imaginário vitimista construído pelo ativismo LGBT. Aqui não se trata mais das masculinidades escondidas ou reprimidas do Leandro e do Manuel nem também de rapazes sofredores ou passivos. Aqui estamos, todavia, perante uma masculinidade *queer*, uma masculinidade que é acionada por “performances that make visible the gaps and fissures of a binary system of gender norms and thus open them to the possibility of transformation.” (Landreau & Rodriguez, 2010: 3), como afirmam John Landreau & Rodriguez numa grande coletânea de artigos dedicado a masculinidades na escola que saem fora da esfera da masculinidade hegemónica (masculinidades *queer*).

“O André é um desses rapazes, “(...) um rapaz jovem, vestido e **com alguns tiques efeminados**. Com madeixas loiras, vestido com uma caviada, umas skins azuis escuras e um casaco de couro. É um jovem com um estilo fashionista, urbano e trendy.” (21-12-2012).

Esconder a homossexualidade para este jovem é, em certa medida, contribuir para a manutenção da heteronormatividade através da normalidade genderizada do corpo. Já não estamos na presença de uma cidadania do faz-de-conta mas sim perante uma *ciudadania reclamada*, “ciudadania cujos contornos se desenvolvem com base na diferença (...)” (Magalhães & Stoer, 2005: 106) e cuja a sua exibição “deriva do facto de ser intrinsecamente incapaz de traduzir o reconhecimento em cidadania participada.” (idem: 98).

“André: - Sim, sou assumido. **Se eu escondo também ajudo a fomentar o preconceito.** Eu acho... Estou a partir do pressuposto que há qualquer coisa de errado.” (André, 17, entrevista).

No palco das culturas juvenis este jovem frequenta muitas vezes alguns cafés urbanos conhecidos como “sítios gays”. É este lugar que o André frequenta quando não tem aulas. Estar com os seus amigos gays (as sociabilidades) é uma forma de dar guarida as expressividades de género e sexuais que, de outra forma, seriam reguladas e racionalizadas na escola. Estas culturas conferem uma sensação comunitária de proteção e partilha e funcionam também como rearticulação paródica das regras da heteronormatividade. Numa dessas conversas, sobre os colegas da escola, o André desabafa,

“Hugo: - [sobre um colega do André na viagem de finalistas] Era hetero e teve sexo contigo?

André: - Claro, a gente já conhece esse estilo. **Diz que é hetero, tem namorada e tal e depois faz com gajos.**

Hugo: - Isso existe muito?

André: - Frustrados? Então não? Muitos não têm coragem de assumir porque assumir é estar do outro lado, é ser o Outro, **é jogar na outra equipa**, percebes? (André, 17, entrevista).”

“Hugo: - Porquê é que achas que muita gente não gosta dos gays?

André: - São frustrados. Coitados. Casam, tem filhos, mal tem dinheiro para cuidar dos miúdos **ficam frustrados e descarregam nos gays**. Ninguém tem culpa de sermos **lindas e maravilhosas**” (NT, 22-11-2012).

“Frustrados” é uma designação comum neste grupo de gays para designar, ora a homofobia, ora os gays que não assumem e/ou tem problemas com a sua homossexualidade. A masculinidade *queer* do André é uma masculinidade subversiva que joga, não em termos de uma tolerância, mas em termos de uma colocação das dimensões do poder em termos da alteridade. Aqui a violência é devolvida ao outro em termos paródicos como uma violência imaginada. Violência imaginada, no dizer de

Judith Halberstam, é aquela em que o oprimido se coloca temporária e ironicamente – daí o seu caráter imaginado – no lugar do opressor e o deixa interrogar como seria se as coisas fossem diferentes. Este ““What if” denotes a potentiality, a possible reality that may only ever exist in the realm of representation but one which creates an “imagined violence” with real consequences and which corresponds only roughly to real violence and its imagined consequences.” (Halberstam, 1993: 190).

“André: - Ando por aí a insultar heteros, a meter-me na vida dos outros, a tentar saber se “x” dorme com “y”? Não! O que me interessa? **Então não têm nada que se meter na minha vida**, né? Simples.” (André, 17, entrevista).

André: [abana positivamente a cabeça] – Era... Ia ouvir e calar queres ver [o André fica nervoso]. Não engulo sapos e não devo nada a ninguém. Comigo é assim. **Queres ser respeitado respeita os outros**. Não levo desaforo para casa. Já levei, agora não levo.” (André, 17, entrevista).

É uma masculinidade que moca as próprias regras da masculinidade ortodoxa de uma forma inteiramente nova, invocando masculinidade, sexualidade e papéis sexuais “ativo/passivo”, quando o André afirma, em tom de gozo, que “é preciso ser muito homem para levar no cu” (André, 17, entrevista). Na verdade, a gesticulação de uma certa performance efeminada – a que alguns jovens chamam de “bichisse” –, associada a uma gramática própria da estética *camp*, faz interrogar género como,

“(...) o veículo expressivo, manipulável e combativo que transporta os sinais identificadores simbólicos de uma dada orientação sexual e que através da corporalidade projeta-a irremediavelmente no espaço público (num intrincado jogo de visibilidade e invisibilidade) impossibilitando que esta seja apenas uma dimensão privada, um espaço público que subsiste na dominância hegemónica de uma ordem do género binária e normativa, símbolo-mor da heterossexualidade compulsória (...)” (Santos, 2013: 118-119).

Não significa que esta performance seja absolutamente falsa ou totalmente verdadeira já que género é sempre um elo perdido, destituído de sentido, numa relação de forças (Butler, 1999). Ela acompanha uma certa ironia contida neste grupo em particular, por exemplo, quando o insulto (escolar) de “bicha” é utilizado como um termo reivindicativo de autodesignação. Como refere Patton, “(...) the appropriations take the form of recontextualizing terms — nigger, queer, girls, bitches — when used inside the group to which these terms once signified submission.” (Patton, 2004: 146), e esta masculinidade *queer* opõe-se muitas vezes à hegemónica.

“André: - Filho, comigo é simples. **Eu sou como sou, quem não gostar que se foda**, bota nas bordas do prato. Toda a gente crítica as bichas, as marchas, as travestis, as loucas,

não sei o quê, **mas ninguém critica os machões**. Não percebo porquê.” (André, 17, entrevista).

Esta atitude potestativa de contrarreacção deixa-nos perceber outras formas de marginalização, menos contempladas cientificamente, que desaguam, muitas vezes, em formatos comunitários pois “(...) it is also important to recognize that subversion is not just pleasurable – we continue to be interpellated by norms even as we contest them.” (McCormack, 2010: 42). Kimmel & Mahler (2003) discutem, através da análise de dados das biografias de jovens que entravam em matar em escolas e faculdades norte-americanas, que o não pertencimento a uma masculinidade reconhecida, heróica, desejável e/ou o ser-se vítima de escárnio homofóbico, pode estar na origem de uma retaliação homicida contra “os agressores” como uma prova demonstrativa de uma virilidade inalcançável. Todavia, se é verdade que a masculinidade *queer* é uma masculinidade que previne a vitimização, também é verdade que a vitimização nem chega a acontecer.

“Hugo: - Nunca tiveste problemas ou tens no secundário?

André: - Que me recorde não. Quase toda a gente sabia de mim. Os meus colegas sabem de mim. Amigas, amigos, toda a gente mesmo. Falam comigo, tratam-me da mesma forma. **Nada a apontar. Inclusive elegeram-me para delegado de turma**. Eu até acho que os professores sabem de mim [risos]. Hoje em dia não tenho qualquer tipo de problema, acho eu. Aceitam perfeitamente. **Até brincam comigo...**” (André, 17, Entrevista).

Mark McCormack (2010), num estudo etnográfico, demonstra que os discursos juvenis sobre as homossexualidades são mais abertos, plurais e revelam possibilidades de mudança para lá daquilo que se julgaria. O sociólogo britânico dá o exemplo de Jack, um jovem que contorna a masculinidade hegemónica e, ainda assim, não chega a ser importunado pelos colegas. Nesse sentido, “(...) Jack proudly and vociferously paraded his own version of masculinity. Jack is an agentic subject, at once subordinated and liberated.” (McCormack, 2010: 44).

Considerações finais

A questão das masculinidades nos estudos sobre género são mais complexas do que nos apresenta os estudos *em e sobre* educação priorizando estes uma análise centrada, sobretudo, na *masculinidade hegemónica*, principalmente quando se toma género como uma performance e se interseccionaliza com a orientação sexual. Ainda assim, género mantém um núcleo central que se relaciona sempre com as dimensões do poder tendo a expressão patriarcal uma influência expressiva que se propaga

para lá do binómio heterossexual “homem/mulher” e se reflete, ora por imitação, ora por rearticulação, por exemplo, na comunidade gay. Alargar as reflexões feministas a este campo não significa destruir o sujeito “mulher” do centro do feminismo mas questionar, deslocando-o, as reproduções patriarcais através da desconstrução da masculinidade hegemónica e/ou debate sobre os seus efeitos prejudiciais.

Neste artigo argumentou-se que as interpelações homofóbicas sobre a forma do insulto, apesar de estarem ligadas ao atravessamento de fronteiras genderizadas sendo *a homofobia, sobretudo, uma violência de género*, parecem ser constitutivas dos discursos sobre as masculinidades atacando, como uma espécie de chamada ao discurso, todos os rapazes independentemente da sua “real” orientação sexual e por isso converte-se num problema de todos/as. Na verdade, o insulto, apropriando-se de considerações abjetas à feminilidade que são transportadas para a (e/ou impingidas à) homossexualidade masculina, procura, além de regular a masculinidade geral, contribuir para a formulação de um imaginário que protege sempre a heterossexualidade masculina mantendo-na intacta e hegemónica devido à ligação quase congénita que esta mantém com a heterossexualidade. Nesse sentido, a homofobia é, mais do que uma fobia intrínseca, uma *estratégia discursiva* num contexto de negociação das masculinidades (Pascoe, 2007), que, contudo, não deixa de ter efeitos negativos e materiais na vida de muitos jovens gays (ou heterossexuais), como no caso do Fábio.

Contudo, um olhar mais atento, microscópico e detalhado sobre as culturas juvenis gays revela uma diversidade de identificações, consciências e/ou vivências que, além de questionarem um panorama essencialista e vitimista sobre a juventude gay (como se todos os rapazes fossem vítimas de bullying), e a veracidade e legitimidade dos estereótipos de género, faz emergir ainda oposições de género que são reproduzidas na comunidade gay, nomeadamente a oposição histórica entre o “gay masculino normal” e a “bicha efeminada louca”. O primeiro demonstra que a masculinidade hegemónica não é um “privilégio” dos homens heterossexuais e, simultaneamente, que os próprios gays podem reproduzir estereótipos de género que tem consequências nefastas entre si. A segunda aparece como uma identidade abjeta, uma identidade que reconfigura a masculinidade juvenil gay. Em certa medida, a abjeção social à feminilidade é visível através do repúdio compulsivo (heterossexual e/ou gay) à bicha. Ela é pois uma identidade duplamente marginalizada (por ser homossexual e por não corresponder às expectativas de género tradicionais).

Ambas as identidades impede-nos, no entanto, de tomar um olhar vitimista sobre as homossexualidades e impele-nos a construir um pensamento problematizador sobre género, orientação sexual, experiências escolares ou marginalização e as suas intersecções e rupturas. Elucida-nos ainda que comportamento de género e identidade sexual podem estar desconectados mesmos que as representações dominantes (neste caso, na escola) as tomem, convenientemente, como estando simbolicamente ligadas (Butler, 1999). No entanto e ainda assim, apesar de estarem empiricamente desligadas, de se constituírem como dois regimes de opressão diferenciados (Richardson et al, 2006) e de ser um abuso da linguagem falar-se como se fossem mutuamente constitutivas, masculinidade e heterossexualidade continuam a ser dimensões dominantes na esfera do género e da sexualidade, quer no campo escolar, quer no campo juvenil, fazendo com que, para preservar uma crítica radical ao patriarcado e/ou à heteronormatividade, se fale numa “heteromasculinidade”. (McCormack, 2010).

Em suma, comportamentos de género e orientação sexual estão empiricamente desconectados podendo haver rapazes gays ou bissexuais inclusive que reproduzem a masculinidade hegemónica e impossibilita falar-se desta juventude como vítimas; contudo, as representações dominantes (na escola) continuam a reproduzir estereótipos de género que lhe são convenientes e protegem a heterossexualidade masculina.

Referências bibliográficas

- AMÂNCIO, Lígia. (1994). *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- BADINTER, Elisabeth. (1996). *XY. A Identidade Masculina*. Porto: Edições Asa.
- BORRILLO, Daniel. (2010). *Homofobia. História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- BOURDIEU, Pierre. (1999). *A Dominação Masculina*. Oeiras: Celta Editora.
- BUTLER, Judith. (1999). *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge.
- BUTLER, Judith. (2004). *Undoing Gender*. New York. Routledge.
- BUTLER, Judith. (2011). *Bodies That Matter. On the discursive limits of “sex”*. New York: Routledge.

CALDAS, José; FONSECA, Laura; ALMEIDA, Sofia & ALMEIDA, Lúgia (2012). "Escola y Diversidad Sexual – ¿Que Realidad?", In *Educação em Revista*, Belo Horizonte, Vol. 28, Nº. 03, pp. 143-158.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence & MORISSON, Keith. (2007). *Research Methods in Education*. London & New York: Routledge.

CONNELL, R. W. (1992). "A Very Straight Gay: Masculinity, Homosexual Experience, and The Dynamics of Gender.", In *American Sociological Review*, Vol. 57, Nº. 6, pp. 735-751.

CONNELL, R. W. (2005). *Masculinities*. California: University of California Press.

EPSTEIN, Debbie. (1999). "Real boys don't work: underachievement, masculinity and the harassment of 'sissies'.", In Debbie Epstein; Jannette Elwood; Valerie Hey & Janet Maw (Eds.), *Failing Boys? Issues in Gender and Achievement*. Buckingham: Open University Press, pp. 96-108.

EPSTEIN, Debbie & JONHSON, Richard. (2009). "Jovens produzindo identidades sexuais.", In *Revista Brasileira de Educação*, Vol. 14, Nº. 40, pp. 83-92.

FERREIRA, Manuela. (2004). «A gente gosta é de brincar com os outros meninos!». *Relações Sociais Entre Crianças num Jardim de Infância*. Porto: Edições Afrontamento.

FOUCAULT, Michael. (1998). *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

HALBERSTAM, Judith. (1993). "Imagined Violence/Queer Violence: Representation, Rage, and Resistance.", In *Social Text*, Nº. 37, pp. 187-201.

JAGOSE, Annamarie. (1996). *Queer Theory. An Introduction*. New York: Melbourne University Press.

KIMMEL, Michel S. & MAHLER, Matthew. (2003). "Adolescent Masculinity, Homophobia, and Violence.", In *American Behavioral Scientist*, Vol. 46, Nº. 10, pp. 1439-1458.

LANDREAU, John C. & RODRIGUEZ, Nelson M. (Eds.). "Queer Masculinities in Education: An Introduction.", In *Queer Masculinities. A Critical Reader in Education*. New York: Springer, pp. 1-18.

LEES, Sue. (2000). "Sexuality and citizenship education." In Madeleine Arnot & Jo-Anne Dillabough (eds.), *Challenging democracy: International perspectives on gender, education and citizenship*. London/New York: Routledge/Falmer, pp. 259-277.

LOURO, Guacira Lopes. (1997). *Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

- MAGALHÃES, Maria José. (2002). "Em torno da definição do conceito de *agência* feminista.", In *ex aequo*, Nº. 7, pp. 189-198.
- MAGALHÃES, Stoer & STOER, Stephen. (2005). *A Diferença somos Nós. A Gestão da Mudança Social e as Políticas Educativas e Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- MCCORMACK, Mark. (2012). "Queer Masculinities, Gender Conformity, and the Secondary School.", In John C. Landreau & Nelson M. Rodriguez (Eds.), *Queer Masculinities. A Critical Reader in Education*. New York: Springer, pp. 35-46.
- PASCOE, Cheri Jo. (2007). *Dude, you're a fag: masculinity and sexuality in high school*. California: University of California Press.
- PATTON, Cindy (2004). "Tremble, Hetero swine.", In Michel Warner (Ed.) (2004). *Fear of a Queer Planet. Cultural Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, pp. 143-177.
- PEREIRA, Maria do Mar. (2009). "Fazendo género na escola: uma análise performativa da negociação do género entre jovens.", In *ex aequo*, N.º 20, pp. 113-127.
- RABELO, Amanda. (2010). "Contribuições dos estudos de género às investigações que enfocam a masculinidade", In *ex aequo*, nº 21, pp. 161-176.
- RASMUSSEN, Mary Louise; ROFES, Eric & TALBURT, Susan. (Eds.) (2004). *Youth and Sexualities. Pleasure, Subversion, and Insubordination in and out of Schools*. New York: Palgrave Macmillan.
- RICHARDSON, Diane; MCLAUGHLIN, Janice; CASEY, Mark E. (Eds.) (2006). *Intersections Between Feminist and Queer Theory*. Hampshire: Palgrave MacMillan.
- SANTOS, Hugo. (2013). *Um Desvio na Corrente que(er)stionando as Margens. Percursos escolares e culturas juvenis de rapazes não-heterossexuais*. Tese de Mestrado: FPCEUP.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky (2004). "How to Bing Up Your Kids Gay.", In Michael Warner (Ed.) (2004). *Fear of a Queer Planet. Cultural Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, pp 69-81.
- SILVA, Sofia Marques da. (2004). "Doubts and Intrigues in Ethnographic Research.", In *European Educational Research Journal*, Vol. 3, Nº. 3, pp. 566 -582.
- SILVA, Sofia Marques da & ARAÚJO, Helena Costa. (2007). "Interrogando masculinidades em contexto escolar: mudança anunciada?", In *ex aequo*, Nº. 15, pp. 89-117.
- UNESCO. (2012). *Review of Homophobic Bullying in Educational Institutions*. Paris: UNESCO.

WARNER, Michael. (2004). "Introduction." In Michel Warner (Ed.) (2004). *Fear of a Queer Planet. Cultural Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, pp. vii-xiii.

Weber, Max. (2005). *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*. New York: Routledge.